



Luís Filipe Borges*

Carta aberta a quem ainda vai a tempo de decidir diferente

(a propósito do corte de 27% para a Cultura na AnteProposta de Orçamento Regional para 2023)

Sou um açoriano de 45 anos que vive no continente desde os 18. Não sou militante de nenhum partido nem estou alinhado com qualquer movimento, classe ou comissão. Tenho uma unipessoal que cumpriu agora a sua primeira década, a Advogado do Diabo, microempresa sediada em Angra do Heroísmo com a qual estou cada vez mais empenhado no regresso a casa. É a produtora de “Mal-Amanhados – Os Novos Corsários das Ilhas”, um programa feito com uma equipa composta a 90% por profissionais açorianos, emitido com grande sucesso na RTP Açores, RTP1, Play, África, Internacional e Portuguese Channel, com mais de um milhão de visualizações contabilizadas só nas transmissões live via página da RTP-A no Facebook, um livro homónimo em 3ª edição, um ebook disponível gratuitamente, uma edição de colecionador em DVD prestes a sair, e uma versão cinematográfica de 120 minutos para estrear em 2023. A Advogado do Diabo tem, neste momento, 4 novos projectos de temática 100% açoriana – 3 séries e um filme – em diferentes estágios de desenvolvimento.

Candidatei-me pela primeira vez aos Apoios Culturais no âmbito do RJAAC há 4 anos. Recebi da Direcção Regional dos Assuntos Culturais 125000 euros para concretizar a referida empreitada, e (note-se) foi um dos apoios mais relevantes nesse ano. Para o leitor ter uma ideia mais aproximada do que me proponho falar, nada como um comparativo: o custo médio de um episódio, um, de uma série produzida em Portugal ronda os 65 mil euros. Os 10 episódios – de 55 minutos cada – da série “Mal-Amanhados” ficaram pelo custo total de 60 mil (e uns trocados). Como? Seria um verdadeiro (e fastidioso) testamento se agora o explicasse em detalhe, mas teve essencialmente a ver com a escolha de uma equipa multifunções, muito tempo dedicado à pré-produção (enquanto se pagavam as contas com outros ofícios), nenhuma margem prevista – nem para a produtora nem para imprevistos, e a generosidade de pelo menos 20 parceiros – regionais e nacionais – através dos quais foi possível baixar drasticamente os custos logísticos próprios de uma aventura que implica constantes viagens, alimentação, hospedagem, meios técnicos.

Desde há muito que as verbas disponíveis na Região para o sector da Cultura roçam o residual. Há, por ano, substancialmente menos de um milhão de euros disponível para literalmente centenas de candidaturas – que vão da Filarmónica e do Bailinho até ao produtor espertalhão de Lisboa que decide enfiar um par de cenas nos Açores e cá vir buscar bom dinheiro para projectos que, dir-se-ia, 99% das vezes trazem zero de retorno para os Açores. Ah, e essa verba global é distribuída por quase todas as candidaturas.

A propósito dos chicos-espertos, nunca poderei esquecer a candidatura duma produtora continental que me veio parar às mãos há uns anos e que – para uma curta-metragem a rodar no Pico (da qual jamais se ouviu falar) – recebeu qualquer coisa como 60 mil euros da administração regional. Bem que li e reli a sinopse do filminho para tentar descartar-se a narrativa incluía o choque accidental de um OVNI contra o piquinho da montanha, mas de balde. Não consegui descobrir efeitos especiais que justificassem tal orçamento.

Há neste respeitante dos apoios culturais regionais também, e ainda, uma total incompreensão do que implica o sector específico do Audiovisual. É impossível produzir um filme ou uma série sem uma equipa de especialistas que garanta as diversas áreas necessárias para se chegar ao produto final, do elenco a técnicos, da make-up aos cenários, dos grafismos à edição, dos figurinos à pós-produção-áudio. E sempre assim será, até ao improvável dia em que nasça quem saiba simultaneamente escrever, apresentar, iluminar, misturar, produzir, interpretar, filmar, captar som, editar e, porque tudo isto não basta, possua ainda o dom da onnipresença.

Sucedo que está em cima da mesa uma AnteProposta de Orçamento que retira 27% à Cultura Açoriana e na qual, entre outras, as alíneas dedicadas ao Audiovisual simplesmente não existem. Ou seja, se já era extremamente difícil angariar verbas para produções que são obviamente muito mais dispendiosas do que a concepção de um livro, a feitura de uma exposição ou a organização de um concerto, o actual cenário (a confirmar-se) é o mais parecido que já sentimos com um estrangulamento. No total precisei de um pouco mais de 3 anos de trabalho contínuo para conseguir concretizar os “Mal-Amanhados”. Quando penso no acréscimo de dificuldades que se avizinham, e nos projectos açorianos que tenho em mãos, pergunto-me quanto tempo demorarei para concretizá-los, ou sequer se terei saúde para tal.

E, por favor repare-se, a dificuldade apontada acima – esse imprescindível esforço colectivo de muitos envolvidos no intuito de levar a cabo uma produção de cariz audiovisual – tem um reverso extraordinariamente positivo da medalha. É que precisamente pelo facto de ser uma área criativa multidisciplinar (por definição) o sector Audiovisual cria – ou deveria ter todo o potencial para criar – a seguinte oportunidade: colocar lado a lado e na mesmíssima empreitada um número elevado

de artistas açorianos, de várias ilhas e várias áreas, em simultâneo.

Suponhamos que eu, enquanto produtor, sonho com uma adaptação cinematográfica do último romance de Pedro Almeida Maia, “A Escrava Açoriana”. Posso desafiar como argumentistas Francisco Afonso Lopes, Alexandre Borges e Diogo Ourique; ter um elenco com gente como Ana Lopes, Frederico Amaral, Helena Ávila, Miguel Damião, Carolina Bettencourt, Nuno Branco e Mónica Cabral, entre outros; a coreógrafa e bailarina Maria João Gouveia a estudar e a ajudar os actores relativamente ao movimento próprio de quem sofreu as agruras narradas numa história passada há um par de séculos; Terry Costa como *location manager*; cenografia de Ana Brum; direcção de *acting* por Lúcia Moniz; entregar a concepção gráfica do filme a uma artista plástica como Susana Aleixo Lopes; ter a direcção de fotografia e operação de câmaras por Filipe Tavares e Gonçalo Tocha; fotografia de cena e making-of a cargo de mestres da imagem como Pepe Brix, Timmy Lima, Paulo Goulart Reis e Luís Godinho; banda sonora por cantautores como Sara Cruz, Romeu Bairos, Felix The First, Pedro Lucas, João Moniz, Maria Bettencourt ou Cristóvam; montagem e realização por Diogo Matos Rola. Só aqui, duma penada e esquecendo-me de muitos outros, temos qualquer coisa como 31 artistas açorianos. Repito, 31. De várias origens no território atlântico, de diversas áreas e especialidades. E não estou a contar com pesquisa, consultoria de historiadores, correcção de cor, sonoplastia, iluminação, etc. Caso para dizer que estamos metidos num grande trinta-e-um.

Um projecto audiovisual custa dinheiro? Custa. Mas também é de longe o que mais potencial de alcance, envolvimento territorial, distribuição e impacto tem, mesmo a nível de retorno turístico/económico. Existem na nossa Região entidades com capacidade e currículo neste sector. Vento Encanado, Hunt Global, Cão de Fila, Islanders, Comunicar Atitude, MiratecArts, Estúdio 13, Alga Viva, entre outras – e sem sequer falar da depauperada RTP Açores, que faz verdadeiras omeletas sem ovos, pequenos milagres, no que diz respeito à produção e à criatividade.

Cortar 27% ao orçamento da Cultura, pura e simplesmente obliterar a “estratégia para o audiovisual”, é transmitir uma mensagem muito clara a toda esta gente: a de que não vale a pena. Não contamos convosco. Esqueçam.

Acrescento aquilo que me parece evidente, mas não quero deixar dúvidas nem ambiguidades ao leitor interessado: é claro que ninguém espera ou acha possível que venha a existir uma indústria audiovisual açoriana. Todavia, é mais do que viável, credível e sobretudo necessário, que todos os anos 3 ou 4 produtoras locais possam apresentar ao público – nosso e de fora – 3 ou 4 projectos com dignidade, potencial de distribuição e perspectivas de retorno efectivo para a Região. Mais um comparativo breve: há menos islandeses do que açorianos. Mas a Islândia coloca séries na Netflix enquanto nós contamos trocos.

Um grande amigo, escritor açoriano, desabafava recentemente: “Acho que boa parte da classe política vê o artista como aquele indivíduo que padece duma condição singular... com 50.000 euros ou 50, fará sempre o que o destino lhe dita, que é seguir o sonho. Está condenado a isso. Se fosse carteiro e lhe tirassem a carrinha, ia à mesma de porta em porta, a pé, entregar cada correspondência”.

Não sou carteiro nem tenho jeito para cartas. Mas deixo esta, porque a tal me sinto obrigado. Deixem-nos contar histórias. As nossas. A beleza sublime das 9 ilhas não basta. É preciso quem se esforce por entender o que fazer com ela.



* Argumentista e Produtor

Nota: o autor escreve de acordo com a antiga grafia.